



O ensino de hábitos alimentares saudáveis no contexto brasileiro à luz de Carolina Maria de Jesus

Teaching healthy eating habits in the Brazilian context in the light of Carolina Maria de Jesus

Leila Kely dos Santos da Paz^{1,*} , Sthefany Dionizio Silva² , Davyd Eduardo Roberto da Silva²

Ivanderson Pereira da Silva³

1.Universidade Federal de Alagoas – Rede Nordeste de Ensino - Maceió (AL), Brasil.

2.Universidade Federal de Alagoas – Curso de Pedagogia - Campus Arapiraca (AL), Brasil.

3.Universidade Federal de Alagoas – Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Rede Nordeste de Ensino - Campus Arapiraca (AL), Brasil.

*Autora correspondente: leilakely@outlook.com

Editores de Seção: David Antonio da Costa , e Maria Consuelo Alves Lima

Recebido: 12 Jul. 2023 | Aprovado: 11 Dez. 2023

Como citar: PAZ, Leila Kely dos Santos da; SILVA, Sthefany Dionizio; SILVA, Davyd Eduardo Roberto da; SILVA, Ivanderson Pereira da. O ensino de hábitos alimentares saudáveis no contexto brasileiro à luz de Carolina Maria de Jesus. Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 10, n. 1, e0124, 2024. <https://doi.org/10.18764/2447-5777v10n1.2024.1>.

RESUMO

Este estudo investigou possibilidades didáticas que fluem a partir da abordagem da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, para a mobilização do tema “hábitos alimentares saudáveis” no contexto do quarto e do quinto ano do Ensino Fundamental. De modo específico, visa problematizar hábitos alimentares saudáveis a partir da trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus; analisar as potencialidades de abordagens do tema com os campos das ciências da natureza, humanas e saúde, a partir da obra “Quarto de despejo”; destacar as contribuições de uma sequência didática, gerada a partir desta obra, para o ensino do tema proposto. Trata-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, a partir do qual foi gerada uma sequência didática, a qual oferece alternativas teóricas para que os sujeitos possam questionar as desigualdades existentes desde o mais básico até o direito à comida. Diferente de uma escola que visa formar sujeitos para aceitarem a realidade, nosso intuito é contribuir para o desenvolvimento de propostas didáticas que favoreçam sujeitos, desde as mais tenras idades, a se incomodarem com a realidade desigual e que, organizados, busquem transformá-la.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Hábitos alimentares saudáveis. Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

This study investigated didactic possibilities that flow from the approach of the work “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, by Carolina Maria de Jesus, to mobilize the theme “healthy eating habits” in the context of the fourth and fifth year of teaching. Fundamental. Specifically, it aims to problematize healthy eating habits based on the life trajectory of Carolina Maria de Jesus; analyze the potential of approaches to the topic with the fields of natural sciences, humanities and health, based on the work “Quarto de Eviction”; highlight the contributions of a didactic sequence, generated from this work, to teaching the proposed topic. This is an exploratory study, of a qualitative nature, from which a didactic sequence was generated, which offers theoretical alternatives so that subjects can question existing inequalities, from the most basic to the right to food. Unlike a school that aims to train subjects to accept reality, our aim is to contribute to the development of didactic proposals that encourage subjects, from the youngest ages, to be uncomfortable with unequal reality and, organized, seek to transform it.

Keywords: Science teaching. Healthy eating habits. Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) estabelece, no campo do Ensino de Ciências, a necessidade da mobilização de saberes no sentido da promoção de hábitos alimentares saudáveis. Dentre as habilidades enunciadas nesse sentido, na BNCC, destaca-se a EF05CI08 que considera ser necessário que as crianças do quinto ano do ensino fundamental tenham a condição de “organizar um cardápio equilibrado com base nas características dos grupos alimentares (nutrientes e calorias) e nas necessidades individuais (atividades realizadas, idade, sexo etc.) para a manutenção da saúde do organismo” (Brasil, 2017, p. 341).

Não obstante a essa necessidade curricular, percebe-se que, nesta sociedade, de um lado, existem pessoas que, de fato, não conseguem manter hábitos alimentares saudáveis porque não possuem acesso a estas informações; por outro lado, grandes grupos de sujeitos não conseguem se alimentar de forma saudável porque as condições objetivas em que estão inseridos não os permite. Segundo o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil (II VIGISAN), “no fim de 2020, 19,1 milhões de brasileiros/as conviviam com a fome. Em 2022, são 33,1 milhões de pessoas sem ter o que comer” (Rede Penssan, 2022, online). A insegurança alimentar, enquanto falta de acesso a alimentos nutritivos em quantidade e qualidade suficiente para o sujeito, difere da fome – que consiste numa reação biológica do corpo à ausência de alimento por longos períodos.

Segundo o apontamento da Organização das Nações Unidas (ONU), o número de pessoas afetadas pela fome subiu para 828 milhões em 2021, e cerca de 150 milhões desde o início da pandemia da Covid-19. O último relatório também traz números regionais e mostra que, no Brasil, a prevalência de insegurança alimentar grave aumentou de 3,9 milhões, entre 2014 e 2016, para 15,4 milhões, entre 2019 e 2021. O relatório aponta ainda que, em julho, no Brasil, 70,3 milhões de pessoas estavam em situação de insegurança alimentar e cerca de 21 milhões de pessoas não tinham o que comer todos os dias. Além disso, pelo menos 10 milhões de brasileiros(as) estavam desnutridos(as) (Nações Unidas, 2022).

Dessa forma, é necessário problematizar os limites e as possibilidades de ensino com esse tema, bem como a reprodução de discursos baseados em padrões alimentares de grupos privilegiados, situando a alimentação saudável não só como um hábito necessário, mas como um direito humano fundamental. Com efeito, ao compreendermos que as diversas formas de exclusão social são reflexos dos movimentos históricos que constituem o estado atual de coisas, é preciso reconhecer que a insegurança alimentar, como produto dessa exclusão social, está localizada, prioritariamente, nos grupos de sujeitos que foram historicamente excluídos da sociedade. No caso brasileiro, um dos maiores exemplos dessa equação é o povo negro. De acordo com Almeida (2021, p. 185),

o racismo não deve ser tratado como uma questão lateral, que pode ser dissolvida na concepção de classes, até porque uma noção de classe que desconsidera o modo com que esta se expressa enquanto relação social objetiva torna o conceito uma abstração vazia de conteúdo histórico. São indivíduos concretos que compõem as classes à medida que se constituem concomitantemente como classe e como minoria nas condições estruturais do capitalismo. Assim, classe e raça são elementos socialmente sobredeterminados.

Isso nos diz que ser negro no Brasil é ser pobre, e vice-versa. Percebemos, assim, que os grupos sociais que historicamente possuem mais intimidade com a negação do direito a uma alimentação saudável são as pessoas racializadas. Tão mais afastado das normas sociais de raça e classe esses sujeitos estejam, mais se afastam da possibilidade de ter garantidos os seus direitos como sujeitos humanos.

Por oportuno, ao observarmos as hierarquias de corpos dentro dos grupos étnicos, é preciso reconhecer que as clivagens de gênero aprofundam ainda mais esse abismo social. Conforme Davis (2016), numa hierarquia de gênero e raça, é o homem branco que ocupa o topo da pirâmide social, abaixo dele o homem negro/racializado, em seguida a mulher branca e, na base dessa pirâmide, a mulher negra/racializada. Segundo Almeida (2020, p. 186), são as mulheres negras que, no Brasil, “recebem os mais baixos salários, são empurradas para os ‘trabalhos improdutivos’ [...] são diariamente vítimas de assédio moral, da violência doméstica e do abandono, recebem o pior tratamento nos sistemas ‘universais’ de saúde e suportam, proporcionalmente, a mais pesada tributação”.

É por conta das opressões de gênero e raça que nas páginas dos livros didáticos dos cursos de Ciências da Natureza, seja na Educação Básica ou na Formação de Professores, não se identifica com facilidade a presença de

mulheres negras como autoras. A representação social que se tem do cientista é a de um homem branco. A Ciência que estudamos é a que é produzida por homens brancos (Chassot, 2004).

Desse modo, com vistas a explanação de temas de Ciências da Natureza a partir de uma perspectiva materialista, compreendemos que a abordagem do tema “hábitos alimentares saudáveis”, com vistas à uma análise real do contexto brasileiro, não poderia ser melhor explicada do que a partir das lentes de uma mulher negra que sofre na carne as opressões de gênero, raça e classe. Essa possibilidade se apresenta, por exemplo, a partir da leitura da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, (Jesus, 2020). Nessa obra, Carolina, a partir de uma escrita que reproduz os percalços de seu processo de escolarização, descreve a seguinte situação:

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos.

Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.¹ (Jesus, 2020, p. 19)

Em face do potencial didático da citada obra para o debate sobre “hábitos alimentares saudáveis”, emergiu a seguinte questão norteadora de pesquisa: que possibilidades didáticas fluem a partir da abordagem da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” para a mobilização do tema “hábitos alimentares saudáveis” no contexto do quinto ano do Ensino Fundamental?

Teve por objetivos problematizar hábitos alimentares saudáveis a partir da trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus; analisar as potencialidades de abordagens do tema com os campos das ciências da natureza, humanas e saúde, a partir da obra “Quarto de despejo”; e destacar as contribuições de uma sequência didática, gerada a partir desta obra, para o ensino do tema proposto.

Trata-se de um estudo exploratório (Sampieri; Colado; Lúcio, 2013), de natureza qualitativa (Flick, 2009), no qual, inicialmente, lançamos luzes na trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus, tendo em vista a explicitação de que essa trajetória, em si, favorece a problematização dos “hábitos alimentares saudáveis”. Em seguida, enfocamos na análise da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, na tentativa de trazer à tona os excertos que podem contribuir para problematizar temas que enriqueçam o debate sobre “hábitos alimentares saudáveis”. Por fim, apresentamos uma proposta de sequência didática, estruturada a partir de excertos da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, e que foi organizada por meio da relação entre alimentação e saúde, alimentação e cultura, alimentação e insegurança alimentar e alimentação escolar. Os resultados desses movimentos estão dispostos nas seções a seguir.

A TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E A PROBLEMATIZAÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS

A problematização de temas relacionados a alimentação saudável, além de suscitada pelos trechos de “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, também pode ser trazida à baila quando voltamos nosso olhar para a trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus. Carolina Maria de Jesus (Bitita) nasceu em 1914, na cidade de Sacramento/MG, lugar em que permaneceu até a adolescência. Na vida adulta, por volta de seus 18 anos de idade, começou a

¹ Carolina Maria de Jesus só conseguiu permanecer na escola por cerca de dois anos, período em que aprendeu a ler e escrever. Esse processo de escolarização não foi suficiente para que Carolina conseguisse produzir uma escrita plenamente ajustada à norma culta da Língua Portuguesa e por isso, frequentemente encontramos discrepâncias entre seus escritos e os padrões ortográficos. Contudo, ao longo de sua trajetória de vida, Carolina manteve um gosto aguçado pela leitura e pela escrita o que a fez conhecer expressões rebuscadas e, ainda que com os problemas ortográficos resultantes das deficiências de seu processo de escolarização, comumente as utilizava em seus escritos.

peregrinar pelas cidades interioranas dos estados de Minas Gerais e São Paulo em busca de trabalho e tratamento para enfermidade de suas pernas (Farias, 2017).

A existência material de Carolina nesse mundo sempre foi acompanhada pela luta em superar a fome e as opressões de uma sociedade racista, sexista, machista e capitalista. A escritora nunca chegou a conhecer seu genitor. Assim como inúmeras famílias brasileiras, a única provedora da casa era sua mãe. Dona Cota sustentava sua filha e seu filho (irmão de Carolina) realizando trabalhos como diarista nas casas das famílias afortunadas da cidade.

Dona Cota levava a pequena Bitita para o trabalho quando não tinha com quem deixar a filha; ainda mais porque a menina pedia pelo aleitamento materno, ou seja, mamava, mesmo aos seis anos de idade. Numa perspectiva transcendente, é permissível pensar a questão do “mamar” para além dos preceitos de nutrição e idade correta para o aleitamento materno. É possível problematizar que o ato de “mamar” entre crianças maiores de seis meses de vida tem a ver com as questões sobre o seu desenvolvimento social e cultural, isto é, indagar sobre as relações psíquicas que envolvem o “mamar”.

Freud (2006) discorre que a sexualidade é construída durante as primeiras vivências afetivas desde o nascimento. O autor categoriza o desenvolvimento do sujeito a partir da concentração da energia sexual (libido) em determinadas regiões do corpo. A fase oral é aquela na qual o sujeito descobre o prazer de “mamar”. Costa e Oliveira (2011, p. 7) descrevem que “ao nascer, a criança possui em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas e é por meio dos lábios que ela experimenta os primeiros momentos de prazer”. Esses autores acrescentam que “é durante o ato de ‘mamar’, quando a criança busca a preservação do equilíbrio vital, que surgem as primeiras experiências de prazer. Pois, ao sugar o seio da mãe sua boca entra em contato com a pele dela e seus lábios se comportam como transmissores de sensações prazerosas” (Costa; Oliveira, 2011, p. 7). Do mesmo modo, há uma relação de prazer da mãe para com a criança na amamentação. Com isso, a amamentação até os seis anos de idade é uma questão que está na ordem do provimento de demandas econômicas, culturais ou subjetivas. Não há como saber. Mas essa é uma problematização possível.

Além disso, do ponto de vista nutricional e bioquímico, o caso de Carolina nos permite também debater o leite materno como um “superalimento” aos lactentes e o aleitamento como um processo benéfico também à lactante. Segundo Silva, Jaine Nogueira (2020, p. 2), “a prática de amamentar traz benefícios também à lactante, como redução do estresse, melhora do humor, menores riscos de osteoporose futuramente, e esclerose múltipla”. Somado a isso, a autora afirma que a amamentação traz benefícios quanto a prevenção ao câncer mamário e de ovário entre as mulheres. Para Fiuza e Morais (2017, p. 193), “o leite materno é essencial à vida dos lactentes nos primeiros seis meses de vida, visto os inúmeros benefícios que traz à saúde das mães e dos bebês”. Esses autores complementam que “por ser um alimento completo fornece nutrientes tais como carboidratos, proteínas e gorduras em quantidades adequadas, além de água e elementos para proteção tais como anticorpos, macrófagos, neutrófilos, fator bifido e outros contra infecções comuns da infância” (Fiuza; Morais, 2017, p. 193).

Na compreensão que o leite materno é primordial para os primeiros seis meses de vida das crianças, podemos problematizar a situação de Carolina, que, ainda aos seis anos de idade, mamava. Nessa perspectiva, é possível questionar: os nutrientes contidos no leite materno suprem as necessidades biológicas de crianças maiores de seis meses? Nesse sentido, Paula et al. (2021) discorrem sobre a questão do desmame e a inclusão de outros alimentos para suprir as necessidades do organismo:

desmame do lactente deve ocorrer de forma natural, no qual o corpo da criança deve desenvolver uma competência para isso, como: estar adaptado em relação ao desenvolvimento metabólico e imunológico, atento às mudanças epigenéticas, ingerir outros alimentos a fim de ter uma dieta saudável e rica em nutrientes e não mais apresentar interesse nas mamadas. O desmame quando é feito de forma inesperada, pode gerar insegurança para a criança e a mãe, além de poder desencadear uma série de fatores para ambos (Paula et al., 2021, p. 6).

Percebe-se que a infância de Carolina, se trazida para a sala de aula, pode contribuir não só para que as crianças conheçam essa escritora brasileira, mas, também, para que temas do campo do Ensino de Ciências possam ser suscitados e problematizados.

É importante saber que em uma das casas em que dona Cota trabalhava como doméstica ela foi orientada a colocar a filha numa escola. Essa orientação não emergiu da preocupação com a educação de Carolina, mas

porque sua presença no trabalho da mãe demandava o tempo de Cota para que lhe amamentasse e isso fazia com que seus serviços de doméstica tivessem de ser interrompidos (Farias, 2017). A partir da imposição da patroa, dona Cota matriculou a filha no colégio. O Colégio Allan Kardec era de ensino misto, ou seja, meninas e meninos estudavam juntos, além de as salas serem multisseriadas.

Diante das estratégias da professora, a menina começou aprender as primeiras letras e, assim, conseguiu realizar o exercício da leitura. Todavia, devido aos infortúnios da vida e a necessidade de trabalhar, a família precisou se deslocar para residir numa fazenda, o que fez Carolina permanecer no colégio por apenas dois anos. Apesar de não mais regressar para uma escola, os livros começavam a fazer parte de sua vida.

Carolina passou a trabalhar como doméstica e, nesse contexto, o deslocamento em busca de uma vida melhor passou a ser contínuo, como também as decepções, pois sempre saía dos empregos de maneira subumana. Carolina não permanecia por muito tempo nos empregos que conseguia, devido a sua rebeldia com as condições lhes eram impostas pelos patrões e as violências cometidas contra ela. As/os patroas/ões a expulsavam do trabalho sem lhe pagar o salário acordado, em sua totalidade ou parcialidade, e/ou a difamavam como ladra.

O desejo de Carolina estava em poder ter tempo de ler e escrever, porém com as dificuldades diárias isso era impossível. Ela tinha que dedicar o seu tempo à prestação de serviços domésticos para sua sobrevivência. Carolina Maria de Jesus tinha o desejo de ir para cidade de São Paulo, pois, à época, se compreendia que era um local de prosperidade para pessoas com as mesmas condições que a dela. Depois de um período de dificuldades extremas, Carolina vai residir na capital paulista. Aos vinte e dois anos chega à cidade de São Paulo, por intermédio dos patrões que se mudaram para lá. Pouco tempo depois começou a residir na extinta favela do Canindé e, já mãe solo, não tinha mais condições de trabalhar como doméstica, passando a sobreviver como catadora de reciclados (Farias, 2017).

As questões sobre o descarte ilegal de alimentos e a falta de condições e/ou inexistência de saneamento básico eram temas recorrentes nos relatos diários escritos em seus cadernos. Carolina, na obra “Quarto de despejo”, conta que, em um certo dia, um caminhão chega na favela e despeja inúmeros enlatados que estavam estufados com características de apodrecimento, descrevendo que:

Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados (Jesus, 2020, p. 38)

Pensar sobre os riscos de consumir alimentos enlatados fora do prazo de validade, bem como amassados, ajuda na construção de uma consciência crítica e prevenção a possíveis doenças. Ao levar os escritos de Carolina, tais como este excerto, para a sala de aula, é possível criar uma oportunidade para abordar o tema da alimentação saudável a partir de uma realidade concreta abdicando da abordagem a partir de realidades idealizadas. É possível, inclusive, debater com as crianças sobre os riscos de consumir produtos enlatados em latas amassadas. Sobre a questão dos enlatados amassados e seus perigos, Dantas (2001) discorre que:

O amassamento do corpo da lata pode levar a uma exposição do material metálico, a folha-de-flandres, o alumínio ou a folha cromada, que pode resultar no desenvolvimento do processo de oxidação da embalagem e consequente o aumento da concentração de estanho, ferro, cromo ou alumínio no produto acondicionado. (Dantas, 2001, p. 3-4)

O processo de amassamento do enlatado poderá levar os alimentos à exposição de materiais que são prejudiciais à saúde, acarretando o desenvolvimento de doenças no sistema digestivo e imunológico. Nessa perspectiva, dialogar sobre essa temática pode ajudar na compreensão da importância de desenvolver projetos em sala de aula sobre a relevância de não ingerir alimentos processados em latas que estejam amassadas, principalmente na parte superior e inferior das latas.

Com efeito, o que fazer no caso de pessoas com fome e que só dispõem dos alimentos contidos nas latas amassadas, como é o caso descrito por Carolina? Aqui o tema dos hábitos alimentares saudáveis demanda um debate sobre os aspectos éticos envolvidos na doação e no descarte de alimentos que já não podem mais ser consumidos. Esse debate também precisa acontecer junto às crianças. O alimento para Carolina sempre estava em

evidência seja pela sua falta ou por sua existência de maneira insalubre, visto que, por exemplo, para elaboração da sopa e outros alimentos, ela utilizava o que conseguia catar no lixo. Nos relatos de Carolina, na obra “Quarto de despejo”, ela discorre que:

20 de maio

[...] quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

- Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. (Jesus, 2020, p. 42)

As opressões de gênero, raça e classe que empurraram Carolina para viver à margem da sociedade e alijada do direito à uma alimentação saudável faziam com que a autora catasse restos de alimentos encontrados no lixo para saciar sua fome e a fome dos seus filhos. Nesse sentido, o debate sobre alimentação não pode ficar restrito ao campo biológico da nutrição do corpo. Esse corpo que demanda nutrição é um corpo atravessado pelo machismo, pelo racismo e pelo elitismo. Tão mais afastado esse corpo esteja das normas de gênero, raça e classe, menor é a chance deste poder desfrutar de uma alimentação saudável. Dessa forma, debater “hábitos alimentares saudáveis” sem debater os atravessamentos socioeconômicos que o tema exige é tergiversar do debate real da questão.

Além da dificuldade de acesso a alimentos de boa procedência e de valor nutricional, na favela do Canindé não existia saneamento básico. Jesus (2020) já descrevia que o único perfume que exalava na favela era o dos excrementos que desciam pelo local. Com isso, podemos indagar sobre as condições de higienização dos alimentos para o consumo, já que a água de qualidade também era algo escasso na favela. Segundo Carolina:

Quando nós mudamos para a favela, nós íamos pedir água nos vizinhos de alvenaria. Quem nos dava água era a Dona Ida Cardoso. Três vezes ela nos deu água. Ela nos dava água só nos dias uteis. Aos domingos ela queria dormir até mais tarde. Mas o favelado não é burro. Mas foi vacinado com sangue de burro. Um dia foram buscar água e não encontraram a torneira no jardim, onde os favelados pegava água. Formou-se uma fila na porta da Dona Ida. (Jesus, 2020, p. 57)

Nessa perspectiva, a análise da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” pode contribuir para suscitar discussões sobre os limites e as possibilidades de “hábitos alimentares saudáveis” em contextos tão adversos. Assim, a próxima seção aborda alguns trechos encontrados na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” para pensar temas de Ciências da Natureza que contribuam para aprofundar esse debate.

UMA ABORDAGEM DIDÁTICA DO TEMA “HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS”

Ao realizar a leitura do livro é possível encontrar excertos que problematizam o acesso e a manutenção de uma alimentação saudável, bem como as consequências de não a ter. Ao discutir tais aspectos junto com as crianças nas escolas é possível enriquecer o debate a partir de elementos de uma realidade que é muito mais próxima do povo racializado, e que, no Brasil, em 2021, compunha ao menos 56,1% da população desse país (IBGE, 2022)

Comumente, ao abordar o tema da alimentação saudável, as ilustrações e orientações utilizadas em práticas didáticas se aproximam muito mais daquelas que idealizam a fartura em quantidade e diversidade de alimentos e que não é acessível àqueles e àquelas que pertencem às camadas mais pobres da população. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) explicitou que, em 2021, no Brasil, a quantidade de pessoas com renda domiciliar *per capita* de até R\$ 497,00 por mês atingiu o número de 62,9 milhões (cerca de 29,6% da população total do país) (Neri, 2022).

Com efeito, dada a desigualdade social brasileira, essa realidade se mostra muito mais cruel em regiões mais racializadas do que em regiões historicamente povoadas por pessoas brancas. Em Florianópolis-SC, por exemplo, capital do estado com maior número de brancos do país, o estudo de Neri (2022) evidenciou uma taxa de 5,7% de

pobres; enquanto isso, no Litoral e Baixada Maranhense, estado com maior percentual de pessoas negras do país, a taxa de pobreza era de 72,59%. Não é uma coincidência numérica que, em 2012, o Maranhão registrasse que 74% de sua população era negra (G1, 2012) e Santa Catarina fosse o estado da federação com menor número de negros do país – 15,5% (IGBE, 2022).

Nessa direção, o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” pode contribuir para suscitar debates sobre as múltiplas faces do tema “hábitos alimentares saudáveis”, tanto no sentido da identificação e valorização daquilo que é alimento, quanto no sentido de refletir sobre as diversas relações do tema com fatores de ordem social e sanitária, inclusive aqueles resultantes das clivagens de gênero, raça e classe.

Assim, dispomos, no Quadro 1, alguns excertos que ilustram o potencial do livro para a ampliação do debate sobre hábitos alimentares saudáveis. Esses excertos apresentam as relações do tema com questões sócio científicas, tais como: saneamento básico, higiene pessoal, corpo humano, doenças, como: tuberculose, alcoolismo, tabagismo, verminoses, moléstias psíquicas, além de mortalidade infantil, proliferação de insetos e roedores, enchentes, eletricidade, processamento de alimentos, poluição de rios, mortandade de peixes, entre outras.

Quadro 1 - Possibilidades de problematização de temas sócio científicos a partir da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

Excertos da obra	Temas de ciências da natureza
Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel ... Ablui as crianças, aleitei-as e abluí-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoraí e deitei-me novamente. (Jesus, 2020, p. 19, grifos nossos)	A partir do excerto podemos explorar doenças bacterianas (tuberculose) e como elas estavam presentes na vida social dos moradores da Favela do Canindé. Também é possível explorar as consequências da ausência de orientações médicas adequadas, problematizar o que é resfriado? Por que a noite tossimos com maior frequência? Por que precisamos tomar remédio e o que a automedicação pode causar em prazos curtos e longos?
Saiu correndo para se jogar no rio. Varias mulheres lhe impedio o gesto. Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. (Jesus, 2020, p. 30, grifos nossos)	A partir do excerto é possível suscitar o debate de pelo menos duas temáticas: a) a ausência de informações atreladas ao uso seguro da energia elétrica; e b) as consequências advindas das más condições do ambiente de trabalho que estão relacionados ao ensino de ciências.
— Nós vimos a fumaça. Também a senhora põe os sacos ali no Caminho. Ponhe lá no mato onde ninguém os vê. Eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros. (Jesus, 2020, p. 33, grifo nosso)	A partir do excerto é possível explorar a temática do descarte inadequado do lixo e as consequências oriundas dessa atitude, notadamente a combustão espontânea e a provocada. Assim, é possível debater sobre os substratos que podem ser gerados em função da queima desses materiais.
O Ramiro ficou zangado porque eu fui a favor do senhor Binidito. Tentei concertar os fios. Enquanto eu tentava concertar o fio o Ramiro queria expandir o Binidito que estava alcoolizado e não podia parar de pé. Estava inconciente. Eu não posso descrever o efeito do álcool porque não bebo. Já bebi uma vez, em caráter experimental, mas o álcool não me tonteia. (Jesus, 2020, p. 37, grifo nosso)	A partir do excerto é possível explorar ao menos duas temáticas: a) a ausência de informações atreladas ao uso com segurança da energia elétrica; e b) as consequências advindas ao alcoolismo. Os conceitos de “choque elétrico” podem ser explorados a partir da ideia de que os seres vivos, para o funcionamento do corpo geram diferenças de potencial, resistência e corrente elétrica, alguns mais que outros, como o caso poraquê (peixe elétrico amazônico).
Estou aguardando a corrida para ver quem vai vencer. Para o primeiro colocado o prêmio é uma medalha, e uma garrafa de vinho e doce para o segundo. E para o ultimo ovos podres e uma vela. O trajeto é da favela até a igreja do Pari. O unico que está alcoolizado é o Valdemar. Há decencia na favela. (Jesus, 2020, p. 71)	É possível debater as origens do vinho, os processos que envolvem a produção de vinho, a relação entre fermentação e produção de álcool, o valor social do álcool, a dependência química, o processo de “apodrecimento”, por que podemos consumir produtos fermentados, mas não apodrecidos? Todas essas são questões que podem ser debatidas a partir do excerto citado.
Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O Serviço de Saude do Estado disse que a agua da lagoa transmite as doenças caramujo. Vieram nos revelar o que ignorávamos. Mas não soluciona a deficiência da agua. (Jesus, 2020, p. 77, grifo nosso)	No trecho podemos explorar as temáticas de saneamento básico e proliferação de esquistossomoses. É possível debater com os estudantes sobre a importância do saneamento básico e a infecção pelo parasita verme trematódeo <i>Schistosoma mansoni</i> , que causa a esquistossomose ou barriga d’água.

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. (Jesus, 2020, p. 93, grifo nosso)	A partir do trecho podemos explorar as temáticas do sofrimento psíquico e do suicídio (como uma alternativa para fugir de todas as suas precisões dolorosas). Um debate necessário e que é problema de saúde pública é o suicídio.
Agradei e fui ver os sacos. Eram sacos de arroz que estavam nos armazéns e apodreceram. Mandaram jogar fora. Fiquei horrorizada vendo o arroz podre. Contemplei as traças que circulavam, as baratas e os ratos que corriam de um lado para outro. (Jesus, 2020, p. 137, grifo nosso)	A partir do excerto é possível explorar os processos de acondicionamento de alimentos em armazéns. É possível problematizar aqui a necessidade de higienizar bem os alimentos, debater sobre animais nocivos aos seres humanos, vetores transmissores de doenças, parasitismo etc.

Fonte: Os autores e as autoras (2023)

Como se pode perceber, os hábitos alimentares saudáveis dizem respeito tanto à problemas que convergem para a escassez de alimentos com valor nutricional e adequados ao consumo quanto à problemas de ordem social como os fatores externos que confluem para o sofrimento psíquico, o adoecimento emocional e o adoecimento do corpo pela impossibilidade de acesso às condições sanitárias adequadas. Dessas relações emergem temas potentes para debates em sala de aula, tais como: a fome, a falta de saneamento básico, o consumo de alimentos retirados do lixo, a dependência química, a higienização de alimentos, as condições de acondicionamento da comida, os parasitas, os animais nocivos aos seres humanos etc. Assim, diante do potencial didático dos excertos da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, propomos uma sequência didática para abordar o tema “hábitos alimentares saudáveis” com crianças do quarto e do quinto ano do Ensino Fundamental (09 e 10 anos de idade).

Para Zabala (1998, p. 18) sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim, conhecido tanto pelos professores como pelos alunos”. Nesse sentido, entende-se por sequência didática um encadeamento de planos e ações direcionadas metodologicamente com o objetivo de facilitar o processo de aprendizagem. De acordo com Lima (2018, p. 153), “a sequência didática vem como uma sugestão da ação pedagógica. A todo momento, o docente pode intervir para a melhoria no processo ensino e aprendizagem, oportunizando situações para que o educando assuma uma postura reflexiva e se torne sujeito do processo de ensino e aprendizagem”.

Desse modo, temos, na BNCC, a temática “Vida e Evolução” no campo de Ciências da Natureza, subdividida em quatro objetos de conhecimento, entende-se como objetos do conhecimento os conteúdos que devem ser desenvolvidos dentro de determinada unidade temática e com os objetivos e habilidades necessários para aprendizagem do conteúdo. O Quadro 2 sinaliza em qual unidade temática o tema será abordado.

Quadro 2 - Trecho retirado da BNCC - Unidades temáticas do ensino de ciências

Unidades Temáticas	Objetos de conhecimento
Vida e Evolução	Nutrição do organismo Hábitos alimentares Integração entre os sistemas digestório, respiratório e circulatório.

Fonte: Brasil (2017, p. 340)

Na sequência, o Quadro 3 apresenta a proposta de uma sequência didática para o ensino de ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental (4º e 5º anos). Apresentamos a sequência “Hábitos alimentares saudáveis e a luta antirracista” como uma proposta, uma possibilidade, e, como tal, poderá ser adequada ao contexto das/os docentes e das/os alunas/os a depender de sua realidade.

Quadro 3 - Proposta de Sequência Didática: “Hábitos alimentares saudáveis e a luta antirracista”**Alimentação e Saúde****Duração:** 5h de aula**Conteúdo**

- pirâmide alimentar;
- gorduras, proteínas, legumes, frutas, verduras, açúcares, carboidratos e água potável.
- água potável e água mineral
- sono e exercícios físicos regulares

Recursos

- Trechos do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus, que discutam temas tais como: gorduras, proteínas, legumes, frutas, verduras, açúcares, carboidratos, água potável, água mineral, qualidade do sono e exercícios físicos regulares. Exemplos:

“O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais”. (Jesus, 2020, p.38) - Gordura

“Hoje eu fiz almoço. Quando tem carne... eu fico mais animada. Mas, quando é polenta eu já sei que vou ter complicações com as crianças”. (Jesus, 2020, p.51) - Proteínas

“Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras”. (Jesus, 2020, p.17) - Legumes

“Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta. Quando eles vê as frutas sou obrigada a comprar”. (Jesus, 2020, p.20) - Frutas

“Mande o João ir no senhor Manoel vender os ferros. E eu fui catar papel. No lixo do Frigorífico tinha muitas linguças. Catei as melhores para eu fazer uma sopa. (...) Vim pelas ruas catando ferros. Quando cheguei no ponto do bonde encontrei o José Carlos que ia na feira catar verduras”. (Jesus, 2020, p.92) - Verduras

“Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha”. (Jesus, 2020, p.35) - Açúcar

“Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa”. (Jesus, 2020, p. 45) - Carboidrato

“Veio passar um filme para os favelados ver como é que o caramujo transmite a doença anêmica. Para não usar as águas do rio. Que as larvas desenvolvem-se nas águas. (...) Até a água... que em vez de nos auxiliar, nos contamina. Nem o ar que respiramos, não é puro, porque jogam lixo aqui na favela”. (Jesus, 2020, p.53) - Água potável

“Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finézias?” (Jesus, 2020, p.37) - Água mineral

“Deixei o leito as 5 e meia. Já estava cansada de escrever e com sono. Mas aqui na favela não se pode dormir, porque os barracões são úmidos, e a Neide tosse muito, e desperta-me. Fui buscar água e a fila já estava enorme. Que coisa horrível é ficar na torneira. Sai briga ou alguém quer saber a vida dos outros. Ao redor da torneira amanhece cheio de bosta. E quem limpa sou eu. Porque as outras não interessam”. (Jesus, 2020, p.88) - Qualidade do sono.

“...Hoje a noite vai ter uma corrida aqui na favela. A corrida é promovida pelo Rubro Negro. Tipo corrida São Silvestre. Compraram pinga para fazer quentão. Quentão para os adultos e batata doce para as crianças. Fizeram uma fogueira. Puzeram 4 luzes na praça. Estou aguardando a corrida para ver quem vai vencer. Para o primeiro colocado o prêmio é uma medalha, e uma garrafa de vinho e doce para o segundo. E para o ultimo ovos podres e uma vela. O trajeto é da favela até a igreja do Pari. O unico que está alcoolizado é o Valdemar. Há decencia na favela”. (Jesus, 2020, p. 68) – exercícios físicos regulares

- Folhas de cartolina

- Hidrocor

Metodologia

Na segunda aula, num primeiro momento, sugerimos que a professora solicite aos alunos que se organizem em um semicírculo para assistirem aos vídeos propostos que trazem conceitos relacionados à origem geográfica e cultural de alguns alimentos. Após a reprodução dos vídeos propostos, o aprofundamento das ideias anteriormente expostas poderá ser realizado. Alguns alimentos de origem africana, europeia, asiática e indígena são citados ao longo dos vídeos. Partindo desse ponto, a

professora poderá selecionar alguns desses alimentos citados (especiarias, grãos, raízes, frutas, legumes e verduras) e, se organizem em grupos para que cada grupo possa fazer pesquisas na internet sobre as origens desses alimentos e buscar saber como esses alimentos chegam ao Brasil. As buscas dessas informações podem ser realizadas a partir de smartphones (caso as crianças tenham esse dispositivo), no laboratório de informática ou na biblioteca. Os grupos precisam registrar as informações coletadas e atentar para as divergências de informações sobre origem dos alimentos em diferentes fontes de dados. Precisam consultar várias fontes e buscar as informações mais recorrentes, atentando para o fato de que é possível encontrar informações de que, por exemplo, numa determinada fonte “A” afirma-se que a aveia é de origem asiática, numa outra fonte “B”, afirma-se que a aveia é de origem europeia. É preciso buscar mais fontes de dados para perceber qual é a origem deste alimento, bem como saber como ele chega no Brasil. Essas informações devem ser registradas e os grupos serão desafiados a dramatizar a rota desses alimentos de sua origem até o Brasil. A dramatização pode ser feita com Teatro de Fantoques. Os fantoches podem ser elaborados com TNT, EVA, tesoura sem ponta e cola. No dia seguinte, sugerimos a abordagem dos trechos do livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Para este momento, a professora pode organizar a turma em quatro grupos. O primeiro fica responsável por trechos do livro que remetem a alimentos de origem indígena, outro grupo com alimentos de origem asiática, outro com alimentos de origem europeia e o último com alimentos de origem africana. A professora deve expor às crianças que, no Brasil, existem parcelas significativas da população que, por razões históricas, não desfrutam de acesso à diversidade de alimentos que são produzidos ou importados para o território brasileiro. Nessa oportunidade, tomando cuidado para não constranger às crianças que podem fazer parte da parcela mais pobre do povo brasileiro, a professora pode explicitar uma definição para “insegurança alimentar”, sempre ratificando a potência que temos de superar essa situação que não é culpa da vítima e sim de um processo histórico profundamente marcado pelo racismo. Compreendido este conceito, é importante avançar para a problematização dos trechos do diário de Carolina. A reflexão deve se dar no seguinte sentido: “Diante da diversidade de culturas e de alimentos no Brasil, qual é a relação do acesso aos alimentos e a insegurança alimentar? O que podemos fazer para superar a insegurança alimentar?” Cada grupo precisa, a partir dos trechos que recebeu, elaborar estratégias para arrecadar alimentos cuja origem está relacionada ao tema recebido por seu grupo. O grupo que está debatendo a cultura alimentar indígena, vai reunir alimentos de origem indígena. O grupo que está debatendo a cultura alimentar europeia, vai reunir alimentos de origem europeia, e assim por diante. As estratégias podem ser múltiplas: campanhas em Instagram, blogs, divulgação na escola, coleta com os pais, vizinhos, familiares, etc. A campanha durará três semanas (o tempo restante da sequência didática). Durante esse período a reflexão sobre a solidariedade, sobre alimentos sustentáveis e sobre valorização da cultura de cada povo deve ser fomentada em sala de aula. Essa discussão busca trabalhar conceitos relacionados à cultura culinária brasileira, instigando em contrapartida o desenvolvimento de novas concepções relacionadas às práticas alimentares ou a ausência dela, como é o caso da insegurança alimentar.

Avaliação

A avaliação deve acontecer a cada momento, ao longo da aula e para além desta. A professora poderá realizar uma observação contínua dos grupos no momento de desenvolvimento das atividades, buscando perceber se os grupos estão interagindo de forma coletiva, ou se existem alunos reclusos e que não estão conseguindo participar de forma ativa. Em momentos nos quais é possível observar o isolamento de alguma criança é indispensável que uma alternativa seja apresentada para que aquele aluno consiga desenvolver suas tarefas, e uma das formas é apresentar a oportunidade de escrever um texto ao invés de elaborar um desenho, ou apenas apresentar a turma um resumo de tudo que foi trabalhado e essa adequação deve priorizar principalmente, as necessidades da criança. Do mesmo modo, para que todos os componentes participem de forma ativa na atividade, a professora precisa sempre indagar e estimular as falas daqueles que não estejam participando e apenas observando os seus/suas parceiros/as construir o trabalho. Deve existir no desenrolar dessa atividade a emergência do levantamento de hipóteses para o problema apresentado. A todo momento a professora poderá levantar questionamentos acerca do conteúdo instigando a participação de forma ativa. Para uma maior valorização dessas produções as equipes poderão ser nomeadas. Por exemplo: “As proteínas”, etc. Os cartazes deverão ser assinados pelas crianças e o nome do grupo também pode ser colocado no cartaz. Caso algum componente não deseje se identificar, ou um grupo por inteiro, o trabalho poderá ser exposto apenas com o nome fantasia do grupo.

Alimentação e Cultura

Duração: 10h (5h de aula num primeiro dia e 5h de aula num segundo dia)

Conteúdo

- Alimentos e receitas culinárias da cultura indígena;
- Alimentos e receitas culinárias da cultura europeia;
- Alimentos e receitas culinárias da cultura africana;
- Alimentos e receitas culinárias da cultura asiática.

Objetivos

- Analisar o contato que temos com diferentes culturas culinárias;
- Refletir sobre cultura, etnia e alimentação saudável.

Recursos

Vídeos que ilustrem a origem de alimentos utilizados na culinária brasileira. Exemplos:

Vídeo “Cultura africana - vegetais de origem africana” (Pradelli, 2021).

Vídeo “Influência da alimentação indígena” (Silva, Jucivania M, 2020).

Vídeo “História da culinária: China e Japão” (Borath, 2015)

Vídeo “As especiarias: história em minutos” (Silva, 2019)

Trechos do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” que abordem hábitos alimentares em diálogo com a rica cultura alimentar do Brasil em meio à insegurança alimentar vivida por Carolina. Exemplos:

“Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzerme. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado”. (Jesus, 2020, p. 10) (O hábito de tomar café - Origem africana do café - Etiópia / Origem da crença sobre o mau-olhado de origem indígena)

“Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.” (Jesus, 2020, p. 19) (O hábito de comer trigo e aveia - Origem asiática do trigo - origem africana da aveia, fronteira com o norte da Europa)

“...Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos”. (Jesus, 2020, p. 28) (O hábito de comer farinha - Origem indígena da farinha de mandioca / O “virado” como uma comida que resulta da confluência de culturas indígena, africana e europeia)

“Fui na D. Floreia pedir um dente de alho. E fui na D. Analia. E recebi o que esperava: — Não tenho!” (Jesus, 2020, p. 28) (O hábito de comer alho - Origem asiática do alho)

- TNT

- Cola

- EVA

- Tesoura sem ponta

- Suporte para acesso a internet (smartfone, computador, etc.)

Metodologia

Na segunda aula, num primeiro momento, sugerimos que a professora solicite aos alunos que se organizem em um semicírculo para assistirem aos vídeos propostos que trazem conceitos relacionados à origem geográfica e cultural de alguns alimentos. Após a reprodução dos vídeos propostos, o aprofundamento das ideias anteriormente expostas poderá ser realizado. Alguns alimentos de origem africana, europeia, asiática e indígena são citados ao longo dos vídeos. Partindo desse ponto, a professora poderá selecionar alguns desses alimentos citados (especiarias, grãos, raízes, frutas, legumes e verduras) e, se organizem em grupos para que cada grupo possa fazer pesquisas na internet sobre as origens desses alimentos e buscar saber como esses alimentos chegam ao Brasil. As buscas dessas informações podem ser realizadas a partir de smartphones (caso as crianças tenham esse dispositivo), no laboratório de informática ou na biblioteca. Os grupos precisam registrar as informações coletadas e atentar para as divergências de informações sobre origem dos alimentos em diferentes fontes de dados. Precisam consultar várias fontes e buscar as informações mais recorrentes, atentando para o fato de que é possível encontrar informações de que, por exemplo, numa determinada fonte “A” afirma-se que a aveia é de origem asiática, numa outra fonte “B”, afirma-se que a aveia é de origem europeia. É preciso buscar mais fontes de dados para perceber qual é a origem deste alimento, bem como saber como ele chega no Brasil. Essas informações devem ser registradas e os grupos serão desafiados a dramatizar a rota desses alimentos de sua origem até o Brasil. A dramatização pode ser feita com Teatro de Fantoques. Os fantoches podem ser elaborados com TNT, EVA, tesoura sem ponta e cola. No dia seguinte, sugerimos a abordagem dos trechos do livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Para este momento, a professora pode organizar a turma em quatro grupos. O primeiro fica responsável por trechos do livro que remetem a alimentos de origem indígena, outro grupo com alimentos de origem asiática, outro com alimentos de origem europeia e o último com alimentos de origem africana. A professora deve expor às crianças que, no Brasil, existem parcelas significativas da população que, por razões históricas, não desfrutam de acesso à diversidade de alimentos que são produzidos ou importados para o território brasileiro. Nessa oportunidade, tomando cuidado para não constranger às crianças que podem fazer parte da parcela mais pobre do povo brasileiro, a professora pode explicitar uma definição para “insegurança alimentar”, sempre ratificando a potência que temos de superar essa situação que não é culpa da vítima e sim de um processo histórico profundamente marcado pelo racismo. Compreendido este conceito, é importante avançar para a problematização dos trechos do diário de Carolina. A reflexão deve se dar no seguinte sentido: “Diante da diversidade de culturas e de alimentos no Brasil, qual é a relação do acesso aos alimentos e a insegurança alimentar? O que podemos fazer para superar a insegurança alimentar?” Cada grupo precisa, a partir dos trechos que recebeu, elaborar estratégias para arrecadar alimentos cuja origem está relacionada ao tema recebido por seu grupo. O grupo que está debatendo a cultura alimentar indígena, vai reunir alimentos de origem indígena. O grupo que está debatendo a cultura alimentar europeia, vai reunir alimentos de origem europeia, e assim por diante. As estratégias podem ser múltiplas: campanhas em Instagram, blogs, divulgação na escola, coleta com

os pais, vizinhos, familiares, etc. A campanha durará três semanas (o tempo restante da sequência didática). Durante esse período a reflexão sobre a solidariedade, sobre alimentos sustentáveis e sobre valorização da cultura de cada povo deve ser fomentada em sala de aula. Essa discussão busca trabalhar conceitos relacionados à cultura culinária brasileira, instigando em contrapartida o desenvolvimento de novas concepções relacionadas às práticas alimentares ou a ausência dela, como é o caso da insegurança alimentar.

Avaliação

Para trabalhar com essas novas concepções, a avaliação contínua também será de extrema importância, por esse motivo, a professora poderá estar presente observando as produções das crianças e principalmente focando em levantar indagações durante o desenvolvimento das atividades. Não se trata de uma competição de quem arrecadar mais alimentos ganha, ou de quem elaborar os cartazes mais bonitos ganha. Trata-se de estimular a solidariedade e a colaboração entre as crianças. É preciso atentar para a dimensão cognitiva também. As crianças compreenderam o conteúdo abordado, ou será necessária uma outra intervenção didática? Todas elas participaram durante a discussão em sala?

Alimentação e insegurança alimentar

Duração: 10h (5h de aula num dia e 5h de aula noutro dia)

Conteúdo:

- Insegurança alimentar e fome;
- Desigualdades no Brasil e formas de superação;

Objetivos

- Compreender a diferença entre insegurança alimentar e fome, bem como como sua relação com o racismo;
- Refletir através da poesia sobre as causas e possibilidades de solução do problema da fome e da insegurança alimentar;

Recursos

- Podcast “O que é insegurança alimentar”? (Rádio Brasil de Fato, 2021)

Poema “O Bicho” do autor Manoel Bandeira (1947)

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Poema “Tem gente com fome” de Solano Trindade (1988)

Trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
pra dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Piiiiii

estação de Caxias
de novo a dizer
de novo a correr
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
Vigário Geral
Lucas
Cordovil
Brás de Pina
Penha Circular
Estação da Penha
Olaria
Ramos

Bom Sucesso
Carlos Chagas
Triagem, Mauá
trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino
em algum lugar

Trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Só nas estações
quando vai parando
lentamente começa a dizer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer
Mas o freio do ar
todo autoritário
manda o trem calar
Psiuuuuuuuuuu

Poema "Compaixão, Fome e Justiça" de Bertold Brecht

Como pode a voz que vem das casas
Ser a da justiça
Se os pátios estão desabrigados?
Como pode não ser um embusteiro
aquele que ensina aos famintos outras coisas
Que não a maneira de abolir a fome?

Quem não dá o pão ao faminto
Quer a violência.
Quem na canoa não tem
Lugar para os que se afogam
Não tem compaixão.

Quem não sabe de ajuda
Que cale.

Poema "Não há vagas" de Ferreira Gullar (1963)

O preço do feijão
não cabe no poema.
O preço do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz, o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão.
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada

em arquivos.
 Como não cabe no poema
 o operário
 que esmerila seu dia de aço
 e carvão
 nas oficinas escuras
 – porque o poema, senhores,
 está fechado: “não há vagas”
 Só cabe no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço
 O poema, senhores,
 não fede
 nem cheira.

- Excertos do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” que retratem a insegurança alimentar. Exemplos:

“Amanheceu chovendo. E eu tenho só 4 cruzeiros, e um pouco de comida que sobrou de ontem e uns ossos. Fui buscar água para por os ossos ferver. Ainda tem um pouco de macarrão, eu faço uma sopa para os meninos. Vi uma vizinha lavando feijão. Fiquei com inveja.” (Jesus, 2020, p.37)

“...Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”. (Jesus, 2020, p.38).

“...Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lágrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes”. (Jesus, 2020, p.89).

“Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pois os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar”. (Jesus, 2020, p.26)

“Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pôde deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela. No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome.”. (Jesus, 2020, p.34).

- Suporte para acesso à internet (smartfone, computador, etc.)

- Material impresso
 - TNT
 - folhas de A4

Exemplos de trechos de cordéis em quadra, sextilha e septilha.

Cordel em quadra “Literatura de Cordel” das autoras Cristiani Mendes e Maria Beatriz Veloso

Vejam agora meus amigos
 A história que vou contar
 Vocês querem ver os livros
 Mas nas estantes eles sempre vão estar

A informação é gratuita
 Ao alcance das suas mãos
 Acumule mais saber
 Para a sua formação

Prestigie minha gente a exposição popular
 Para o usuário fiel
 Literatura de cordel
 Rimada e ilustrada no espaço a embelezar

Veja quanta Formosura

A biblioteca pode oferecer
Embarque nessa aventura
Que preparamos para você

Cordel em sextilha “O caçador sertanejo” do autor João José da Silva

Em sonho, eu visitei hoje
O reino da poesia,
Vi coisas maravilhosas,
Vi mundos de fantasia;
Vi mil berços de ilusões
E barcos de simpatia.

Vi rico casar com pobre,
Vi ouro jorrar sem dono,
Vi placas de diamantes;
Vi pérolas no abandono;
Vi a noite não ter trevas
E o dia sofrer com sono.

Vi pais civilizado,
Vi rei sem ser orgulhoso,
Vi religião salvar,
Vi padre ser caridoso;
Vi população sincera
E nobre ser criminoso.

Vi a lua e os planetas,
Vi o Sol, falei com ele;
Tive grande conferência
Com um mensageiro dele,
E, segundo o que me disse,
Fiquei crendo muito nele.

Cordel em septilha “Melancolia, humor e alegria!” do autor Antônio Barreto

Vou seguindo os protocolos
Sem a tal da cloroquina
Obedeço à Ciência
Não tomo ivermectina
Mas sou um cabra de fé
Nem que eu vire jacaré
Eu quero tomar vacina!

Metodologia

Para o desenvolvimento da terceira aula, sugerimos que a professora comece advertindo que todas as crianças ouçam com atenção o podcast “O que é insegurança alimentar” para que posteriormente, seja levantada a discussão em sala onde todos/as poderão destacar os pontos que mais lhe chamaram a atenção do conteúdo do áudio. Para aprofundar os conhecimentos anteriormente ofertados pelo podcast, sugerimos que as crianças sejam organizadas em quatro grupos. Cada grupo receberá um poema. O grupo A, vai ficar com o poema do Manuel Bandeira, o Grupo B com o poema do Solano Trindade, o grupo C com o poema do Bertold Brecht e o grupo D com o poema do Ferreira Gullar. Os grupos serão desafiados a investigar as seguintes questões: a) quem é o autor do poema? b) Como se declama esse poema?; c) quais as causas e as possibilidades de solução do problema da fome/insegurança alimentar que os autores apresentam em seus poemas? d) Quais as relações da fome com o racismo? Para isso, os grupos poderão acessar sites da internet a partir de seus smartphones (caso disponham) ou a atividade pode ser realizada no laboratório de informática (caso a escola disponha) e/ou apresentar o material impresso para que as/os alunas/os possam realizar a seleção e escolha dos textos que irão corresponder às suas respectivas pesquisas. Sugerimos que essas informações sejam registradas através um mural elaborado a base de TNT, e as respostas descritas em folhas do tipo A4. Uma vez que esse material foi produzido e socializado, no momento seguinte, a professora poderá organizar duplas ou trios para a seleção dos trechos do livro “Quarto de despejo diário de uma favelada” que retratam questões relacionadas a insegurança alimentar para construção de um poema com a temática “As causas e consequências da insegurança alimentar”. Cada dupla/trio, comporá uma estrofe do poema em rimas de Cordel. Para isso, os alunos receberão orientações para construção de um cordel em quadra, em sextilha e em septilha. De acordo com (Grillo, 2008) os folhetos de cordel podem possuir um número variável de páginas, e de estrofes onde sextilha corresponde a versos elaborados com seis linhas e septilha com sete linhas. Após essa explicação, as crianças receberão exemplos de cordéis em quadra, em sextilha e em septilha. A partir deste momento, tendo em mãos trechos do livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” serão desafiados em produzir uma estrofe sobre o trecho do livro que recebeu. A professora deve orientar as duplas/trios a construção das rimas e sobretudo a observação do conteúdo e sua relação com os processos históricos que colocaram o povo racializado à sombra da fome. As estrofes construídas serão escritas numa folha de papel A4 e serão expostas num varal de barbante com um pregador de roupas para que toda a comunidade escolar tenha acesso.

Avaliação

Como sugestão de avaliação, podemos colocar a importância de a professora acompanhar de perto o desenvolvimento dos trabalhos elaborados em sala observando com atenção todas as respostas proferidas pelas crianças nos momentos de discussão oportunos durante a realização das atividades, para além de uma concepção puramente objetiva das diferenças notadas entre a) insegurança alimentar, b) o que é a fome. Quando destacamos a importância de ir além das concepções objetivas estamos defendendo que a insegurança alimentar e a fome também são questões advindas de suas relações com o racismo, aspecto esse que precisa ser avaliado durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula “as crianças compreenderam a relação entre a fome e o racismo?”, “Conseguiram elaborar suas próprias estrofes?” “As crianças apontaram através da linguagem de cordel possibilidades de possíveis soluções para o problema da fome e insegurança alimentar?”

Alimentação Escolar

Duração: 5h de aula

Conteúdo

- Afetividade e nutrição do preparo de alimentos;
- Práticas de higienização de alimentos.

Objetivos

- Trabalhar a afetividade e a coletividade através da elaboração de receitas em grupos;
- Promover o contato com processos de higienização e o preparo de alimentos;
- Possibilitar visitas a ambientes pertencentes a escola para além da sala de aula.

Recursos

- Equipamentos de Proteção Individual (EPI);
- Ingredientes para a elaboração das receitas.

Metodologia

Sugerimos, para o desenvolvimento desta proposta, que a professora levante, junto as crianças, a arrecadação de ingredientes para a elaboração de uma receita que contemple culturas alimentares anteriormente discutidas em sala: cultura europeia, africana, indígena ou asiática. A turma pode ser organizada em quatro grupos. Cada grupo deve escolher uma receita para ser executada. O grupo A vai elaborar uma receita de uma comida de origem asiática, o grupo B uma comida de origem europeia e assim por diante. A escolha da receita deve tomar por base os alimentos disponíveis para sua execução. Não faz sentido escolher uma receita de um prato cujos ingredientes não estão disponíveis, e neste sentido a reflexão sobre as condições objetivas para se escolher pratos para alimentação já deve ir acontecendo. Cada grupo precisa ser acompanhado por um profissional que pode ser a professora ou as merendeiras. Para que essa prática tenha sucesso é fundamental contar com o apoio das merendeiras e destacar seu papel educador. O passo inicial nos grupos é refletir sobre a higienização dos alimentos e o manuseio dos equipamentos de cocção. É preciso ter muito cuidado com os riscos de acidentes com queimaduras, contatos com produtos químicos tóxicos ou cortes na cozinha. Buscando promover uma maior inserção das crianças na elaboração dessa receita a visita a cozinha da escola poderá ser planejada, pensando em todas as medidas de segurança que devem ser realizadas para possibilitar essa visita de forma segura. Uma vez que os grupos estão realizando as receitas e que estão devidamente seguros e supervisionados, ao concluir a produção dos pratos, é importante exercitar a partilha. Higienizar como um ato de cuidado, cozinhar para o outro como uma demonstração de afeto e partilhar o alimento como um ato de amor. Por fim, é o momento de degustar as delícias que foram preparadas. O lanche coletivo faz parte do processo. São alimentos preparados por eles. Caso, após todos comerem, sobre muito alimento, esses podem inclusive ser levados para casa para que os pais, ou responsáveis, também degustem dos preparos de suas crianças. É importante registrar esses momentos em fotografias.

Avaliação

O momento final será o de visualizar todos os entendimentos que foram adquiridos pelas crianças ao longo do desenvolvimento das atividades propostas. Deixamos, aqui, o destaque para as questões de afetividade e coletividade entre as/os alunas/os, ou seja, observar como as atividades puderam ajudar numa possível construção da ideia de coletividade entre elas/es, além de que, diante do processo de manuseio dos alimentos, as/os alunas/os compreendem a importância de higienizar e manusear os alimentos, a fim de que se promova uma conscientização sobre hábitos alimentares. O levantamento estará centrado em observar, de forma qualitativa, se as metodologias aplicadas são de fato ideais ou não para trabalhar conceitos relacionados às práticas alimentares.

Culminância

A culminância de um projeto é uma etapa essencial para a apresentação da sistematização dos percursos desenvolvidos ao longo da sequência didática. Sugerimos que a culminância da sequência didática seja montada uma pequena exposição na qual os cartazes, as poesias e as imagens da elaboração dos pratos possam ser visualizadas por toda a comunidade escolar.

Fonte: Os autores e as autoras (2023)

A sequência didática proposta possui o objetivo central de promover os conceitos relacionados à conscientização sobre a importância dos hábitos alimentares saudáveis. Essas atividades podem contribuir para um ensino mais inclusivo problematizando, inclusive, a ideia de ciência como um saber neutro e isento de ideologias, podendo contribuir para pensar o tema a partir do lugar do subalterno e não do privilegiado.

Com efeito, a proposta citada sinaliza uma ideia. Essa ideia pode ser aperfeiçoada e a discussão pode inclusive ser expandida para outros níveis e modalidades do ensino. Uma possibilidade para isso se apresenta na inserção de um debate com a série documental *Rotten*, disponibilizada pela Netflix (Rotten, 2018). Trata-se de um conteúdo audiovisual que retrata processos de produção dos alimentos que consumimos. Em alguns trechos, é possível encontrar algumas indagações acerca da origem desses alimentos e, principalmente, a forma como eles ganharam novos significados dentro do mercado do agronegócio. Nós, enquanto consumidores(as), raramente paramos para refletir de onde de fato vem os nossos alimentos, pois o mundo moderno e a tecnologia vêm cada vez nos alienando da possibilidade de pensar, por exemplo, de onde vem e como é criado o frango que consumimos. Segundo Ribeiro, Jaime e Ventura (2017).

Alimentação é uma atividade que envolve muito mais que o ato de comer e a disponibilidade de alimentos. Há uma cadeia de produção, que se inicia no campo, ou antes, na preparação de sementes, mudas e insumos, passando por ciclos, do plantio à colheita, em que elementos da natureza têm um papel crucial, mas que vêm sendo, cada vez mais, envolvidos por questões tecnológicas, financeiras e sociais. (Ribeiro; Jaime; Ventura, 2017, p.2)

No episódio “Éguas turbulentas”, (Rotten, 2018), é possível perceber a preocupação em ilustrar como são os bastidores das águas minerais que são engarrafadas e dispostas nos supermercados, bem como os seus danos ao meio ambiente e às comunidades racializadas da África subsaariana. No episódio “Chocolate amargo” (Rotten, 2018), são retratadas as péssimas condições de trabalho às quais os produtores de cacau da Costa do Marfim estão submetidos, denunciando, inclusive, o trabalho escravo infantil. Ao longo de seu desenvolvimento, a série preocupa-se em trazer os aspectos da mercantilização dos alimentos enquanto um fenômeno complexo multifacetado que tem deixado impactos significativos na humanidade em função da manutenção de um modelo de sociedade capitalista. De acordo com Mbembe (2014):

Já não há trabalhadores propriamente ditos. Já só existem nômadas do trabalho. Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, hoje, a tragédia da multidão é não poder já ser explorada de todo, é ser objeto de humilhação numa humidade supérflua, entregue ao abandono, que já nem é útil ao funcionamento do capital. (Mbembe, 2014, p.14)

O trabalho, por mais alienante e mais opressivo que seja, é colocado nesse modelo de sociedade não mais como um fardo aos trabalhadores, mas como um privilégio para quem não é membro da elite econômica. Nesse sentido, o capítulo “Bafo de alho” (Rotten, 2018) denuncia os interesses das *commodities* de alho asiáticas na privatização de presídios, no hiperencarceramento da população e da imposição de trabalhos forçados, não remunerados, ao povo encarcerado.

De modo geral e forma análoga ao que descreve Carolina Maria de Jesus, em “Quarto de despejo”, o documentário nos ajuda a entender as relações entre Racismo, Trabalho e Fome. Aqueles e aquelas que produzem são aqueles e aquelas que estão alijados de desfrutar do que produziram. São as pessoas racializadas as que mais são preteridas dos direitos sociais, dentre os quais está o direito à uma alimentação saudável. A alimentação saudável, no Brasil e no mundo, não pode ser reduzida a um conteúdo de Ciências da Natureza isolado dos olhares interdisciplinares que o tema exige.

Abordar o tema sob a perspectiva da abundância é olhar o tema a partir da ótica do colonizador. O povo pobre, ainda que produtor desses alimentos, não desfruta deles de forma a sustentar uma alimentação saudável e equilibrada em nutrientes ao longo da vida. O próprio ritmo de vida demandado pelas novas relações de trabalho (Mbembe, 2014) impulsiona os sujeitos a aderirem forma de alimentação baseadas em comidas rápidas e baratas, comumente excessivas em sódio, açúcares e gorduras e pobres em nutrientes. A prevalência de diabetes tipo 2, hipertensão arterial é maior na população negra, que, no Brasil, é a população pobre. Segundo Cassal e Fernandes (2020, p. 101), baseadas na Política Nacional de Saúde do ano de 2013:

o diabetes e a hipertensão arterial foram as comorbidades mais prevalentes entre a população negra. No ano de 2013, a hipertensão arterial contabilizou a prevalência de 21,4% na população brasileira, sendo que entre pretos esse número é de 24,2% e pardos 20,0%, e entre os brancos 22,1%. Já a diabetes para população brasileira tem 6,2% de prevalência, sendo 7,2% para os pretos e 5,5% para pardos. Há, portanto, uma prevalência de hipertensão e diabetes no grupo racial de pretos e pardos, que se sobressai aos dados nacionais.

São as condições estruturais, historicamente construídas, que fazem com que as condições de vida da população negra a conduzam para doenças como o diabetes tipo 2 e a hipertensão arterial. As dificuldades de acesso à saúde, à um ritmo de trabalho que não seja extenuante, bem como à uma alimentação saudável, criam um cenário propício a essas comorbidades e a muitos outros problemas de saúde. Consequentemente, o debate sobre alimentação saudável na escola precisa assumir um caráter político de problematização da realidade com vistas à sua transformação em favor de uma sociedade na qual alimentos não sejam vistos como mercadorias. É necessário romper com esse modelo de sociedade que tudo reduz à mercadoria e promover a sociedade inclusiva, que apoie genuinamente a agricultura familiar (Dos Santos; Mijta, 2012).

Desse modo, conscientizar as crianças sobre o processo de mercantilização dos alimentos é um importante passo para que elas percebam como o nosso sistema de produção e consumo de alimentos pode afetar nossa saúde e qualidade de vida. Uma maneira adequada, portanto, é trazer essas informações de forma lúdica e acessível, como na sequência didática apresentada, o que pode introduzir diversos conceitos, além de encorajar as suas participações no preparo de refeições. Em linhas gerais, conscientizar os alunos sobre essas temáticas configura-se como um passo importante para o fornecimento de informações adequadas às suas necessidades e realidades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a abordagem dos saberes mobilizados no contexto do Ensino de Ciências pode ser desenvolvida de diversas maneiras dentro do contexto escolar dos anos iniciais do ensino fundamental. Neste trabalho, identificamos relevo didático em metodologias que favoreçam a contextualização a partir da realidade material na qual os sujeitos estão inseridos.

Além disso, têm-se denunciado que o currículo oficial brasileiro tem ratificado a manutenção de um Ensino de Ciências cujos saberes mobilizados são, em sua quase totalidade, produzidos por homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e comumente oriundos de países imperialistas, notadamente países da Europa Central e dos Estados Unidos. Aqui propusemos uma alternativa a esse quadro elegendo como eixo de mobilização dos saberes a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de autoria de Carolina Maria de Jesus, mulher preta favelada.

Evidencia-se, em primeiro plano, a possibilidade de fazer vir à tona propostas didáticas que favoreçam uma formação crítica pela via de um Ensino de Ciências que tome por base produções acadêmicas, artísticas ou culturais produzidas por sujeitos cujos corpos historicamente foram invisibilizados enquanto potências intelectuais. Tendo em vista que a obra de Carolina se constitui em rico material narrativo sobre as práticas alimentares de pessoas que vivem na relação direta com a fome, observa-se que esse material pode apontar para possibilidades de debater as contradições entre a necessidade de desfrutar de uma alimentação saudável e as limitações que as condições objetivas impõem.

A sequência didática que é apresentada pode integrar um programa de educação alimentar nas escolas para ensinar crianças e adolescentes acerca da importância de hábitos alimentares saudáveis. Para além do debate sobre nutrição, é preciso oferecer alternativas teóricas para os sujeitos possam desenvolver condições de questionar as desigualdades existentes desde o mais básico ao ser humano que é o seu direito à comida. Diferente de uma escola que visa formar sujeitos para aceitarem a realidade, nosso intuito é contribuir para o desenvolvimento de propostas didáticas que favoreçam a esses sujeitos, desde as mais tenras idades, a se incomodarem com essa realidade desigual, e que, organizados, busquem transformá-la. É preciso problematizar a realidade e se incomodar com ela para que, coletivamente, possamos buscar transformá-la.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Conceitualização: Silva, DER; Silva, IP; Paz, LKS. **Curadoria de dados:** Silva, IP; Silva, SD; Silva, DER. **Análise formal:** Silva, IP; **Pesquisa:** Paz, LKS; Silva, SD; Silva, DER; Silva, IP; **Metodologia:** Silva, SD; Silva, IP; **Administração do projeto:** Paz, LKS; Silva, SD; Silva, DER; Silva, IP; **Supervisão:** Paz, LKS; Silva, SD; Silva, IP; **Validação:** Silva, IP; **Redação - Preparação do rascunho original:** Paz, LKS; Silva, SD; Silva, DER; Silva, IP; **Redação - Revisão e edição:** Paz, LKS; Silva, SD; Silva, DER; Silva, IP.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não aplicável.

FINANCIAMENTO

Não aplicado

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

CASSAL, Milena; FERNANDES, Talita. A população negra em situação de rua e a covid-19. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 8, n. 1, p. 97-104, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1044>. Acesso em: 30 out. 2023.

CHASSOT, Attico. **Saberes Populares fazendo-se saberes escolares: uma alternativa para a alfabetização científica**. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 5, 2004, Curitiba. Anais... Curitiba, 2004.

COSTA, Elis Regina; OLIVEIRA, Kênia Elian. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. **Revista eletrônica do curso de Pedagogia**. v. 2, n. 11, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20332>. Acesso em: 30 out. 2023.

DANTAS, Sílvia Tondella. Alimentos em latas amassadas: é indicado o seu consumo?. **Boletim de Tecnologia e Desenvolvimento de Embalagens**. v. 13, n.1, jan-mar, 2001. Disponível em: https://ital.agricultura.sp.gov.br/arquivos/cetea/informativo/v13n1/v13n1_artigo3.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOS SANTOS, Alessio Moreira; MITJA, Danielle. Agricultura familiar e desenvolvimento local: os desafios para a sustentabilidade econômico-ecológica na comunidade de Palmares II, Parauapebas, PA. **Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/ZR3nDZyGHJRyztng3NVdX4m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2023.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FIUZA, Carla; MORAIS, Paloma Benigno. Leite materno: fatores imunogênicos e imunoglobulinas. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**. dez. 2017. Disponível em: https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2017/leite_materno_fatores_imunogenicos_e_imunoglobulinas_126.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmet, 2009.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 2006.

G1. **Negros representam 74% da população do Maranhão, diz IBGE**: Hoje é comemorado o dia da Consciência Negra. Data foi escolhida para homenagear Zumbi dos Palmares. Do G1 MA com informações da TV Mirante. 20/11/2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/11/negros-representam-74-da-populacao-do-maranhao-diz-ibge.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

IBGE. **Cor ou raça**. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

LIMA, Donizete Franco. A importância da sequência didática como metodologia no ensino da disciplina de física moderna no Ensino Médio. **Revista Triângulo**, Ituiutaba, v.11, n.1, Jan./Abr., 2018. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2664/pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Antígona: Lisboa, 2014.

NAÇÕES UNIDAS. **Número de pessoas afetadas pela fome sobe para 828 milhões em 2021**. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/189062-n%C3%BAmero-de-pessoas-afetadas-pela-fome-sobe-para-828-milh%C3%B5es-em-2021>. Acesso em: 11 nov. 2023.

NERI, Marcelo. **Mapa da nova pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2022. Disponível em: <https://cps.fgv.br/pesquisas/mapa-da-nova-pobreza>. Acesso em: 30 out. 2023.

PAULA, Danyella Oliveira de; *et al.* Relação entre o alimento materno exclusivo nos seis primeiros meses e a prevenção da obesidade infantil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7007>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PRADELLI, Vanessa. **Cultura Africana - Vegetais de Origem Africana. Canal Vanessa Pradelli** - Mentres brilhantes, 2021. 1 vídeo (4 mim). Disponível em: <https://youtu.be/SVzJCZrRgb8>. Acesso em: 11 nov. 2023

RADIO BRASIL DE FATO. O que é insegurança alimentar? [Locução de]: Sara Fernandes. Alimento é Saúde/ Direitos Humanos, 29 jun. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/29/a-inseguranca-alimentar-e-uma-violacao-de-direitos-diz-nutricionista#:~:text=Estamos%20falando%20da%20inseguran%C3%A7a%20alimentar,qualidade%20suficiente%20para%20sua%20sobreviv%C3%Aancia>. Acesso em: 30 out. 2023.

REDE PENSSAN. **2º Inquérito Nacional** sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). Instituto Vox Populi, com apoio e parceria de Ação da Cidadania, ActionAid, Fundação Friedrich Ebert Brasil, Ibirapitanga, Oxfam Brasil e Sesc São Paulo, 2022. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

RIBEIRO, Helena; JAIME, Patrícia Constante; VENTURA, Deisy. Alimentação e sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GVx4jkfxwP7kCYFpZwVbpSf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2023.

ROTTEN. Elenco: Latif Nasser, Jack Bai, Gudrun Beckh. Estados Unidos: Netflix, 2018. Online

SAMPIERI, Roberto Hernández COLLADO, Carlos Fernández; LÚCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Alessio Moreira dos; MITJA Danielle. Agricultura familiar e desenvolvimento local: os desafios para a sustentabilidade econômico-ecológica na comunidade de Palmares II, Parauapebas, PA. **Revista Interações**, Campo Grande, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122012000100004>.

SILVA, Adriano da. **As especiarias**. Canal Adriano da Silva - História em minutos, 2019. 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KXKnnD_gk5w. Acesso em: 11 nov. 2023.

SILVA, Jaine Nogueira da. Aleitamento materno: motivos e consequências do desmame precoce em crianças. **Revista Artigos.com**. v. 20, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/4756/2635>. Acesso em: 30 out. 2023.

SILVA, Jucivania M. **Influência da alimentação indígena**. canal J. M Silva., 2020. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://youtu.be/IWFU5DJpCOA>. Acesso em: 11 nov. 2023.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.